

1 OUT 1995

Choro Desafinado

Com. Brasil

A Fiesp e a Confederação Nacional da Indústria admitiram, com base nos últimos indicadores de produção, vendas e empregos, que a recessão não é generalizada no país, e que as vendas e o emprego começam a se recuperar, impulsionados pelas encorajadas de fim de ano.

Embora nem a economia possa depender de festividades para acelerar o ritmo, nem a estabilização deva ser interrompida para dar passagem aos festejos natalinos, o fato é que tanto a Fiesp quanto a CNI desautorizaram o que seus dirigentes diziam da boca para fora, atribuindo a queda de produção quase única e exclusivamente aos juros altos.

O ministro Pedro Malan está coberto de razão em reagir ao simplismo. No Brasil, a taxa de juros é o *Bei de Túnis* a que Eça de Queirós recorria quando lhe faltava assunto. Se uma empresa erra nos estoques e agrava o seu endividamento, a culpa é atribuída aos juros. Outra, que não vende (porque seus custos e preços atropelam o consumidor), faz dos juros o bode expiatório.

A preguiça mental dos brasileiros resolveu considerar a estabilização causa das deficiências empresariais. Como se tivessem nascido com o Real as distorções de 30 anos de economia autarquizada, fechada à concorrência externa, cartelizada e viciada na indexação.

A atoarda dos metalúrgicos sob a batuta da CUT, contra as demissões na indústria automobilística só é superada pelo alarde da Fiesp. O motivo do choro orquestrado não são os juros, mas a falência do modelo estatal e a abertura comercial, que deixaram a indústria sem proteção.

O desemprego no Brasil, particularmente na indústria do ABCD, é fenômeno estrutural e mundial, agravado pela competição desencadeada no processo de globalização da economia. O desafio da globalização e da competição externa deixa o Brasil diante do

dilema: ou o país se insere na internacionalização (que exige imensos sacrifícios, como atestam as gigantescas fusões de bancos, indústrias e empresas de comunicação na Europa, no Japão e nos Estados Unidos) ou desiste da competição e reconstrói o Muro de Berlim para isolar da concorrência o seu atraso econômico.

As indústrias que acusam maior retração no nível de atividade e do emprego são as que ficaram acomodadas durante 30 anos de reserva de mercado, à custa do sacrifício do consumidor brasileiro, mediante pesadíssimas tarifas alfandegárias. Quando as barreiras protecionistas caíram, as indústrias automobilística, de calçados, de tecidos e vestuário, e de eletroeletrônico mostraram-se obsoletas para competir. A modernização tecnológica ajuda a ganhar economia de escala, mas só será alcançada sem as atuais margens de lucros e preços altos.

As demissões da Mercedes-Benz têm muito mais a ver com o esgotamento do modelo industrial do ABCD, posto em xeque pela abertura comercial, e com a decisão da Volkswagen de reagir à globalização criando novo modelo mundial de fábrica de caminhões em Resende, do que com a política de juros altos, aliás, salgados também para a Volkswagen.

Quanto mais as forças retrógradas abrigadas sob o corporativismo estatal e os favores oficiais impedirem as reformas para tirarem o Estado do caminho do capital privado (nacional e estrangeiro), maior será o sacrifício da sociedade.

A população fez nas urnas a opção. Tudo o mais é consequência. Nenhum plano de estabilização deixa de exigir grandes sacrifícios para ter êxito. O Brasil vive a transição do velho e ultrapassado modelo protecionista-estatizante pela competição, inerente à economia de mercado. Daí o choro e o ranger de dentes.